

Tema | Ponto de Interesse: História, Cultura, Tradição | N.º 15 – Capela de São Francisco e da Rainha Santa



Local: R. Morais Pinto 3130-242 Soure

Ciências/entidades envolvidas: HGP, Biblioteca Municipal de Soure

Autores: Alunos 1º CEB com colaboração de Dra Paula Gonçalves (Biblioteca Municipal) e Prof.ª Vera Lúcia Rodrigues.

Sabia que...

A capela dedicada a São Francisco de Assis e à Rainha Santa data de 1641 e foi mandada construir pela Ordem Terceira da Figueira da Foz, uma ordem secular franciscana, que já se encontrava nesta vila desde 1628.

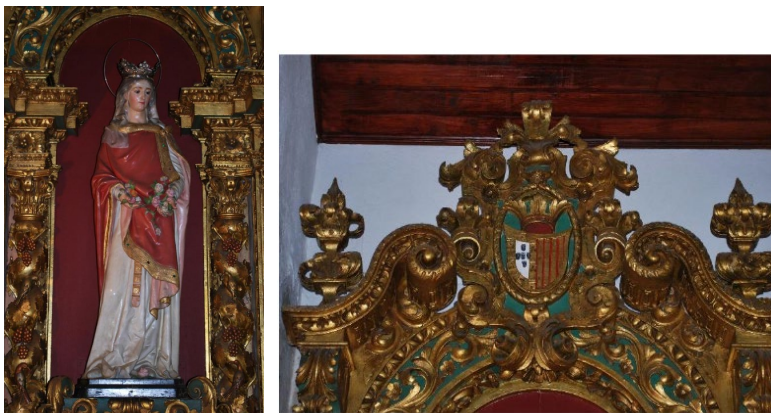
Atualmente a Irmandade de São Francisco e da Rainha Santa Isabel promove, de dois em dois anos, alternando com a cidade de Coimbra, as festas dedicadas à Rainha Santa, no primeiro fim de semana do mês de julho, para coincidir com o dia da Santa. As festas religiosas da cidade de Coimbra realizam-se nos anos pares e na vila de Soure nos anos ímpares.

Destacam-se as procissões noturna (no sábado) e diurna (no domingo à tarde), durante as quais a imagem da Rainha Isabel de Portugal se desloca em andor da sua capela, por várias ruas da vila, passando pela igreja matriz, onde é realizada a saudação da Rainha ao patrono da vila de Soure, São Tiago. O andor da Rainha é sempre levado pelos bombeiros desta vila e esta visita à igreja matriz representa também um dado histórico: após a sua viuvez, a Rainha fez uma peregrinação a Santiago de Compostela, local de culto em que entregou uma coroa e de onde trouxe bordão e escarcela de peregrina, oferecidos pelo arcebispo de Santiago.

Em Soure, a capela era foreira, o que quer dizer que os frades tinham propriedades em volta da mesma. Teria havido aqui, inclusivamente, um hospício, que, com a capela dedicada a S. Francisco e à Rainha Santa, evidenciam a importância do culto à Rainha Santa que, de geração em geração, é vivido através da fé dos peregrinos, das procissões e da (re)criação das expressões culturais, em que se destacam as colchas às janelas e os tapetes de flores.



Explorações e vivências – Sinta e viva a natureza



Filha dos reis de Aragão (atual Espanha), D. Isabel de Portugal (1270-1336) casou com o rei D. Dinis de Portugal. Faleceu no dia 4 de julho de 1336, em Estremoz (Portugal).

Quando acompanhava o rei D. Dinis nas viagens pelo reino, costumava distribuir esmolas e alimentos aos pobres, prestava apoio aos doentes e às mulheres, mostrando ter um grande espírito caritativo. A Rainha, pela sua educação na corte do avô Jaime e pelo exemplo recebido da tia-avó Isabel da Hungria, vivia de acordo com um ideal franciscano. S. Francisco de Assis defendeu uma vida simples e humilde, vivida no respeito pelo Outro, pela Natureza e pelos Animais.

Isabel interveio em situações de ordem política quer dentro do reino quer entre reinos, o que mostra que era uma mulher muito inteligente e de cariz pacificador. Alguns dos seus feitos relacionam-se com o reerguer do mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, e com a construção de hospitais para tratar doentes, dar abrigo aos necessitados, às mulheres e a crianças órfãs.

Após a morte do Rei, a rainha vestiu o hábito de freira clarissa (não entrando na Ordem, porém, de modo a não perder direitos régios); fixou residência no seu Paço junto ao convento de Santa Clara, em Coimbra, e passou a viver de acordo com o que pregava S. Francisco de Assis, numa busca de santidade na sua vida terrena.

O seu corpo (incorruto, prova da sua santidade) encontra-se no mosteiro de Santa Clara, em Coimbra.

O culto à Rainha surge logo a seguir à sua morte, com cariz popular; quanto ao culto institucional, este remonta ao século XVI. Foi beatificada em 1516. Em 1560, é criada a Confraria da Rainha Santa naquela cidade. A sua canonização ocorre a 25 de maio de 1625 e em 1756 torna-se padroeira da Cidade de Coimbra.

Diálogo de saberes – compreenda a Natureza

“São rosas, Senhor, são rosas!”, a Lenda da Rainha Santa

Conta a lenda que o rei, já irritado por a Rainha andar sempre misturada com mendigos, a proibiu de dar mais esmolas.

Certo dia, a Rainha D. Isabel atravessava a porta do palácio, com pão escondido no seu manto para distribuir pelos pobres, quando o Rei D. Dinis surgiu à sua frente.

- Bom dia Senhora, minha Rainha! Onde ides numa manhã tão fria?

- Arranjar e embelezar os altares da igreja. – respondeu a Rainha.

O rei, confiante de que ia descobrir o segredo da rainha, perguntou-lhe:

- O que levais no regaço, Senhora minha, que vai tão carregado?

D. Isabel estremeceu, mas respondeu firmemente:

- São rosas, Senhor, são rosas!

- Rosas?!?!?!?

A Rainha, baixando os olhos, abriu o regaço...

O Rei, admirado, viu cair do regaço muitas rosas e ficou sem saber o que dizer.



Pintura Sé Velha, Coimbra

Para Saber mais

ALMEIDA, Margarida (2011), *As rosas da rainha*. Coimbra: Kadernu
MARQUES, Vanda Furtado (2008), *O milagre de Isabel e Dinis*. Lisboa: Quetzal
RODRIGUES, Vera Lúcia (2022), “O culto à Rainha Santa Isabel e a construção da identidade sourense” (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social e Cultural apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra),
<http://hdl.handle.net/10316/104667> (acedida a 23 de abril de 2023)
VASCONCELOS, António de (1993) (2 vol), *Dona Isabel de Aragão (a Rainha Santa)*.
Coimbra: Arquivo da Universidade

Objetivos

- Reconhecer o impacto das tradições populares na identidade de um povo
- Promover a continuidade das tradições

Materiais

Os 5 sentidos